

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E A EDUCAÇÃO CONSCIENCIOLOGICA

The Theory Of Multiple Inteligences And The Conscientiological Education

Cleverson Rachadel

RESUMO. Fruto do intercâmbio entre duas áreas educacionais, este artigo apresenta um resumo da teoria das Inteligências Múltiplas e confronta este modelo com a Educação Conscienciológica. Inspirado na *técnica da entrelinhagem de ideias*, objetiva criar um holopensene de diálogo entre profissionais em educação convencional e docentes em Conscienciológica. Neste intuito, cogita a necessidade de se distinguir entre Educação Consciencial e Educação Conscienciológica.

Palavras-Chave: confrontação, educação consciencial, educação conscienciológica, inteligências múltiplas.

ABSTRACT. Resulting from the exchange between two educational areas, this article presents a summary of the Multiple Intelligences theory and confronts it with Conscientiological Education. Inspired by the interlineage technique, it aims to create a holothosene of dialogue between professionals in conventional education and Conscientiology teachers. To this end, it considers the necessity to distinguish between Consciencial and Conscientiological Education.

Keywords: confrontation, consciencial education, conscientiological education, multiple intelligences.

1 INTRODUÇÃO

Ponto de Partida

Há dez anos exercendo a profissão de educador no ensino básico, este autor sempre procurou compreender o funcionamento do sistema educacional como um todo e sua relação com o processo cognitivo não só dos jovens, mas também daqueles que exercem tarefas educacionais e administrativas. Com o passar do tempo, ficou cada vez mais claro que o sistema funciona em quase

pleno automatismo, tendo em vista que seus profissionais são condicionados a pensarem as tarefas imediatas e de curto prazo sem serem estimulados ou até mesmo terem liberdade para efetivamente aperfeiçoar as práticas de ensino-aprendizagem.

Por outro lado, a situação não pode servir de justificativa para se submeter à robotização existencial. É necessário avaliar realisticamente estratégias para a inovação na cultura escolar. Não se trata apenas de ensinar jovens, mas de duas outras funções que a escola não tem cumprido: a. incentivo e orientação à execução do projeto de vida desde a juventude; b. libertação dos profissionais em Educação da robéxis para que exerçam a proéxis grupal a qual abraçaram.

Surgem, então, algumas questões: *de que modo a Educação Conscienciológica poderia atuar na Educação de jovens? Quais modalidades educacionais convencionais favorecem mais a Educação Conscien-* É nesse sentido que exercitamos a correlação entre a teoria das Inteligências Múltiplas (IM) e a Educação Conscienciológica.

Histórias Diferentes

A divulgação da Teoria das Inteligências Múltiplas (1983) teve início na mesma época em que a Conscienciológica foi proposta (1982). A Educação Conscienciológica passou a ser aplicada de modo abrangente com a formalização do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica – IIPC (na época, IIP), em 1988. Enquanto as Inteligências Múltiplas surgiam na condição de teoria psicológica que paulatinamente viria a ser aplicada no mundo da Educação, a Educação Conscienciológica seguiu, em grande parte, o caminho inverso: foi construída a partir da prática e das demandas interassistenciais que iam se apresentando, obviamente considerando os pressupostos do Paradigma Conscien (BALONA, 2005; SCHEINPFLUG, 2003). Muito foi aprimorado em termos de pesquisa e aplicação, e temos as duas modalidades educativas consistentemente assentadas.

Diferentes em suas bases epistemológicas, as aplicações das Inteligências Múltiplas em Educação e a Educação Conscienciológica, ainda assim, apresentam aspectos que podem possibilitar um diálogo.

A Aproximação de Dois Mundos

Ao confrontar conceitos e ações entre duas metodologias educacionais distintas, pretendemos identificar áreas afins e distantes entre elas. Essa abordagem permite observar possíveis campos de atuação em comum entre diferentes linhas da Educação na socin e a Educação Conscienciológica. Significa, conseqüentemente, que *será possível trabalharmos em equipes interdisciplinares, realizando parcerias e projetos com colegas de áreas afins à Educação Conscienciológica.*

Podemos enriquecer o desenvolvimento da Educação Conscienciológica através das propostas e soluções oriundas da aplicação da teoria das Inteligências Múltiplas. Do mesmo modo, os profissionais que atuam na escola convencional ou na escola das IM podem usufruir de novas perspectivas para os seus trabalhos, inspirados nas propostas derivadas da Autoconscientização Multidimensional (AM).

Na medida em que pesquisadores da Educação Conscienciológica procurarem trabalhar em ambientes escolares, necessitarão intercambiar conceitos e procedimentos das várias linhas da Educação Contemporânea com aqueles de seu próprio domínio. Os profissionais da Educação normalmente atuam em holopensene no qual os conceitos e as técnicas conscienciológicas ainda não são entendidos pela maior parte ou a totalidade da equipe de trabalho. Tal contexto apresenta paralelos com aquele que foi encontrado pelos pesquisadores e divulgadores da Conscienciologia na China, durante o período de existência da Instituição Conscienciocêntrica denominada IASB – Centro de Intercâmbio Acadêmico Sino-Brasileiro. Na época, atuando em país com forte base filosófica milenar, adentraram as academias chinesas procurando linhas de interesse comum, em especial no Confucionismo, buscando uma linguagem intermediária que possibilitasse a divulgação da Conscienciologia. Para aquele trabalho a técnica escolhida foi a da *entrelinhagem de ideias* (DE LA TOUR & DE LA TOUR, 2006).

Para este mister, faz-se necessário dominar bem duas áreas de pesquisa/trabalho para que as neoideias relativas sejam aplicadas com êxito: o mundo/holopensene do Paradigma Consciencial e o mundo/holopensene tradicional ao qual se aborda. Ao se compreender a essência e o contexto de cada filosofia, procura-se intermediar uma aproximação e, na medida do possível, a integração harmônica entre os dois mundos/holopensenes, sempre considerando os princípios da Paradiplomacia, do Paradireito, do Universalismo e da Cosmoética.

No presente estudo, elegemos tratar a teoria das Inteligências Múltiplas de modo semelhante ao que a IASB praticou com a filosofia milenar chinesa. Para nos permitir essa abordagem, apresentamos um resumo da teoria das Inteligências Múltiplas e, a seguir, tratamos de confrontar aspectos convergentes e divergentes entre as duas vertentes.

O percurso realizado tornou evidente que a aproximação entre duas áreas de pesquisa necessita de uma postura e uma linguagem mediadora, para que favoreçam o intercâmbio entre pesquisadores nos pontos de interesse em comum. Neste intuito, cogitamos a distinção entre Educação Consciencial e Educação Conscienciológica como um primeiro passo.

Educação Consciencial e Educação Conscienciológica

Os termos Educação Consciencial e Educação Conscienciológica, comumente, têm sido utilizados como sinônimos. No entanto, há *também* acepções diversas, nas quais estamos tratando de dois objetos distintos do Universo multidimensional: o termo “consciencial” refere-se à consciência em si, enquanto o termo “conscienciológica” refere-se à Conscienciologia, uma ciência.

A **Educação Conscienciológica** é universalista, mas possui *métodos* oriundos diretamente da Conscienciologia, sua teoria-guia. Seu ambiente de aplicação são as palestras, cursos e campos bioenergéticos onde atuam professores da Conscienciologia junto de amparadores extrafísicos especializados e com grupos de conscins e consciexes interessados na Educação multidimensional. A Educação Conscienciológica trabalha, dentre outras, com estas duas variáveis: a melhor técnica evolutiva possível dentro do campo interassistencial mais otimizado possível.

A **Educação Consciencial** pode ou não ser conscienciológica, possui caráter muito mais abrangente, tendo como sua principal característica atender às demandas evolutivas e cármicas das consciências onde se dá o contexto de sua execução. Seu ambiente de aplicação varia bastante,

podendo se dar através de modesto grupo de alunos sob uma árvore até os mais avançados laboratórios educacionais da atualidade. A Educação Consciencial trabalha, dentre outras, com estas duas variáveis: o que é evolutivamente possível dentro de um ambiente com maior número de variáveis a serem consideradas (heterogeneidade consciencial).

A partir destas considerações, pode-se dizer, então, que toda Educação Conscienciológica é uma Educação Consciencial, mas nem toda Educação Consciencial é uma Educação Conscienciológica. Deste modo, professores e alunos podem estar promovendo a Educação Consciencial sem, no entanto, nunca terem ouvido falar em Conscienciológica. A Educação Consciencial acontece onde e quando existe *pertinência evolutiva* (VIEIRA, website, 18.03.2011) na relação educador-educando, independentemente da metodologia ou da filosofia educacional aplicada. Finalizando, podemos dizer que a Educação Conscienciológica é o modelo, dentre muitos outros, que mais parece otimizar os recursos da Educação Consciencial na execução da tarefa, muito embora sejam dois campos de estudos e experimentação distintos.

2 O QUE É A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Proposição e Divulgação

Desde a metade da década de 1970, aproximadamente, o psicólogo cognitivo estadunidense Howard Gardner (1943 -) pensava sobre os muitos tipos de mente. Como ele próprio relata (1995), no ano de 1979, a Harvard Graduate School of Education foi solicitada a realizar uma pesquisa sobre o tema “A Natureza da Realização do Potencial Humano”. A solicitante foi a holandesa Bernard Van Leer Foundation of the Hague, que desde 1949 se dedica à educação de crianças com menos de 8 anos de idade em condições de risco em vários países e continentes, inclusive no Brasil.

Sendo um dos pesquisadores a participar do projeto, Howard Gardner viu no trabalho uma grande oportunidade de ampliar a visão sobre o pensamento humano. De seus estudos surgiu o livro *Estruturas da Mente*, de 1983, em que reformula o conceito de inteligência e apresenta a teoria das Inteligências Múltiplas (IM). A obra não obteve repercussão entre seus colegas psicólogos, com poucas exceções. Entretanto, Gardner percebeu que o texto chamara a atenção do público em geral e, mais especificamente, dos profissionais da Educação. Desde então, o pesquisador se dedicou a desenvolver o tema das implicações educacionais das IM, o que veio a se tornar o mote da equipe do Harvard Project Zero. Em 1993, lança *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*, em que busca delinear a configuração geral de um sistema educacional na perspectiva das IM, o método de avaliação e o futuro promissor das IM.

O que é Inteligência

Segundo Gardner a inteligência é “(...) a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários” (1995, p. 14).

É válido frisar que o uso do termo inteligência no dia a dia tende a defini-la como uma capacidade puramente intelectual. Assim, quando se faz referência a alguém como sendo “inteligente”, está se dizendo que este alguém, geralmente, lê muito, resolve problemas rapidamente, é capaz

de falar sobre diversos assuntos com coerência e/ou detém uma cultura multimodal, podendo ser poliglota ou muito viajado. Não se utiliza o mesmo termo para dizer, por exemplo, que um “jogador de vôlei precisa ser muito inteligente para chegar à seleção nacional”. Ou que “um mala-barista possui alto índice de inteligência corpóreo-cinestésica”.

Consultar o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) nos mostra que as definições em geral não se referem a outros atributos que não sejam pertencentes ao intelecto, ou seja, a faculdade de entender e compreender, ou mais simplesmente, a capacidade de pensar ou raciocinar. Tal abordagem foi estabelecida pelos testes avaliativos escolares e pelo modelo QI (Quociente de Inteligência), os quais, normalmente, enfatizam a capacidade de responder perguntas como a base para a medida da inteligência humana.

Ao denominar “inteligência” e não habilidade ou capacidade, Gardner criou uma nova forma de pensar o desenvolvimento humano e, em consequência, expandiu nossa visão do que é ou deveria ser a função do sistema educacional. Sua definição guarda três *adjetivos* ou qualidades para definir inteligência:

- a) solucionadora de problemas;
- b) elaboradora de produtos;
- c) valorizada pela comunidade.

Deste modo, inteligência não se limita ao aspecto puramente intelectual, e passa a acentuar aspectos multifacetados da personalidade e relacionados à vida prática.

Embora não tratemos aqui, ressaltamos que a partir da teoria das Inteligências Múltiplas ocorreram desdobramentos em diversas áreas de aplicação, como, por exemplo, no setor empresarial. Deste modo, os conceitos e abordagens aqui apresentados podem ser encontrados em trabalhos de outros autores e em outros campos com características diversas.

Fundamentos

Para reconhecer cada um dos módulos de inteligência de maneira individualizada, antes fora levantado um grande número de potenciais inteligências e se procurou encontrar evidências de cada uma delas em situações como as que seguem (GARDNER, 1995):

- a) o desenvolvimento normal comparado ao desenvolvimento de indivíduos talentosos;
- b) o colapso de capacidades cognitivas em decorrência de dano cerebral;
- c) as populações excepcionais, como prodígios, idiotas sábios¹ e crianças autistas;
- d) a evolução da cognição ao longo do milênio;
- e) as relações entre cultura e cognição;
- f) os estudos de treinamento psicológico, especialmente em tarefas de transferência e generalização.

¹ Idiota sábio é a denominação para a conscin que possui uma ou mais habilidades mentais surpreendentes, ainda que apresente grave incapacidade física, motriz ou mental. Exemplo: a conscin autista com elevada capacidade para realizar cálculos matemáticos.

Somente aquelas inteligências que se apresentaram em todas estas circunstâncias, ou em quase todas, foram selecionadas.

Após este procedimento de seleção, buscou-se delimitar cada inteligência através de diversos critérios, como os seguintes:

- a) um conjunto de procedimentos de base neural que desencadeia cada inteligência;
- b) áreas do cérebro cuja atividade é associada a cada inteligência;
- c) ser transformada em sistemas simbólicos possibilitando sua transmissão;
- d) ter origens evolutivas, que remontem as necessidades que estimularam seu desenvolvimento na espécie humana;
- e) possuir relativa independência em relação a outras inteligências, não confundindo-se.

Tipos de Inteligência

Inicialmente, foram propostas sete inteligências, quais sejam: musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal e intrapessoal; que vieram a ser acrescidas pela inteligência naturalista, e se avalia ainda um nono módulo, o existencial.

Eis uma descrição sintética de cada uma das inteligências propostas até o presente, adaptada de Campbell, Campbell e Dickison (2000):

A *inteligência linguística* se refere ao domínio do uso das palavras através do pensar, do falar, do escrever e do ouvir, para entender e transmitir conhecimentos e significados. São exemplos de profissionais que desempenham bem sua aplicação autores, poetas, jornalistas, palestrantes e locutores.

A *inteligência lógico-matemática* realiza cálculos, quantificações, proporções, além de hipóteses, análises e teorias. É exercida com perícia por cientistas, matemáticos, contadores, engenheiros e programadores de computação.

A *inteligência espacial* relaciona-se com a capacidade de pensar tridimensionalmente, movimentar e se movimentar no espaço, decodificar informações gráficas e transformar imagens. Demonstram esta habilidade arquitetos, pintores, escultores, pilotos e navegadores.

A *inteligência corporal-cinestésica* está atrelada ao desempenho em realizar movimentos com o próprio corpo e com objetos. Atletas, dançarinos, cirurgiões e artesãos são bons exemplos desta capacidade.

A *inteligência musical* é o governo dos tons, ritmos e notas musicais, por meio de instrumentos, ferramentas, audição ou voz. É peculiar em compositores, maestros, instrumentistas, críticos musicais, ouvintes sensíveis e fabricantes de instrumentos.

A *inteligência naturalista* diz respeito ao saber ler os padrões da natureza, identificar e classificar espécies e ambientes, além de compreender suas funções e inter-relações. É notória em ecólogos, biólogos, botânicos, fazendeiros, caçadores e paisagistas.

A *inteligência interpessoal* é a habilidade de compreender outras pessoas e trabalhar cooperativamente com elas. No que diz respeito às profissões, pessoas que precisam lidar constantemente com um público usam intensamente sua inteligência interpessoal, como políticos, atendentes, líderes de equipe, professores, agentes de saúde etc. De qualquer modo, todas as pessoas precisam desenvolver esta inteligência, independentemente de profissão, pois é um recurso que será utilizado em todos os seus relacionamentos.

A *inteligência intrapessoal* instrumentaliza a consciência a ter uma imagem fidedigna de si mesma e a utilizar este conhecimento em sua vida. Profissionalmente, podemos dizer que todas as áreas de atuação humana exigem que a pessoa detenha um razoável autoconhecimento, mas destacamos aqui, as áreas da psicologia, dos esportes (por lidarem com auto-superação e auto-domínio) e todas as funções que envolverem pesquisa, educação e ação quanto a questões éticas e de decisão pessoal.

Gardner sugere ainda que haja uma *inteligência existencial* (ARMSTRONG, 2001), que trataria das questões profundas da vida, como de onde viemos, para onde vamos, qual o sentido de estarmos aqui, qual o significado de nossas relações com outras pessoas e com certos acontecimentos. É característica em religiosos e espiritualistas, mas também em filósofos, cientistas, escritores e artistas que se vêem tratando dos mesmos assuntos.

As escolas das Inteligências Múltiplas

Howard Gardner faz vários comentários a respeito de como vê uma escola das inteligências múltiplas. Faz isso baseado em diversas experiências educacionais, algumas delas aplicadas por sua própria equipe de pesquisa.

Pode-se imaginar que em uma escola das IM não haja espaço para modelos tradicionais de ensino-aprendizagem, porém não se trata disso. Modelos tradicionais de trabalho, próprios da educação de massa pós-Revolução Industrial, fazem parte do acervo de técnicas didáticas disponíveis para aplicação, porém, deixam de ser a referência para que se estabeleça um novo padrão educacional, no qual se trabalha mais próximo de cada aluno, para que se possa estimular as diversas inteligências.

Em *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*, Gardner comenta que além dos conhecidos profissionais da Educação, é preciso a presença de três novos atores (1995):

- a) **Especialista em Avaliação:** apresenta uma visão das potencialidades, inclinações e dificuldades do estudante. Em sua função, tem como princípios criar avaliações justas para com as inteligências (avaliação contextualizada), usar de técnicas adequadas ao nível de desenvolvimento do avaliado e produzir recomendações que favoreçam o perfil daquele indivíduo;
- b) **Agente do Currículo para o Aluno:** é o profissional que acompanha as informações oriundas da avaliação, e intercede em favor do aluno, com seus pais e professores, orientando para as melhores maneiras de o educando dominar os diversos conhecimentos e ferramentas, e sugere os estudos (disciplinas optativas) mais estimulantes. Em um currículo sem disciplinas e oficinas optativas, sua função será dedicada somente aos métodos e soluções adequados para que o indivíduo aprenda;
- c) **Agente da Escola-Comunidade:** busca oportunidades de aprendizado na comunidade mais ampla, para além dos limites da escola. Aproxima a atividade escolar da realidade social ao levar estudantes a tomarem a função de aprendiz em atividades acompanhadas por profissionais. A experimentação em diversas atividades reais possibilita que o educando se aproxime de suas aptidões. Também profissionais de diversas áreas são convidados a divulgar sua atividade na escola ou oferecer oficinas (vivências).

Os estudantes, na medida em que vão evoluindo e passando por novas experiências, transitando de uma fase a outra, da infância à adolescência, têm seus dados registrados para que haja um acompanhamento histórico desse desenvolvimento. Não se trata apenas de notas e frequências, mas de tendências no uso de suas inteligências, potencialidades, dificuldades, métodos utilizados satisfatoriamente, experiências como aprendiz de profissão, participação em eventos, interesses pessoais, entre outros. Os trabalhos realizados podem ser gravados em diversas mídias (*portfolio*), o que atualmente é possível graças ao nível tecnológico que se alcançou (processadores, memória ROM/RAM/portátil, *scanner*, impressora, *data show*, internet, câmera digital etc), salvo em escolas em que estes recursos ainda precisam ser adquiridos.

Neste ambiente de trabalho, o professor não deixará de existir, apenas passará a contar com outros profissionais e usará de uma diversidade maior e mais frequente de recursos tecnológicos e técnicas didáticas para realizar sua tarefa. Neste caso, será presenteado com mais apoio e maior precisão quanto ao resultado de seus esforços. Em contrapartida, terá que estar aberto a discutir a metodologia de trabalho.

A escola de IM possibilita o encontro entre a diversidade de perfis existentes entre os educandos com suas aptidões, ao contrário do modelo generalista massificador atual, que estabelece roteiro único para todos. A escola de IM segue um modelo educacional centrado no indivíduo, ou seja, que consegue perceber e atender demandas individuais de amadurecimento para a vida.

Porém, considera-se que um currículo comum mínimo a todos os alunos se faz necessário, compondo o conhecimento básico, como é o caso do conhecimento dos números, alfabetização, letramento, conhecimento das ciências, dentre outros. Gardner sugere um menor número de temas com maior aprofundamento. Por exemplo, em Geografia, do sexto ao nono ano, comumente estuda-se os fundamentos da ciência geográfica, conceitos básicos, regiões do Brasil e as características de cada continente do planeta. Ao longo deste período há evidente repetição de assuntos e ocorre a abordagem de ampla gama de conceitos e temas que, atendendo ao programa, de modo algum significam que serão úteis na vida do indivíduo. Vale muito mais selecionar os conteúdos básicos e prioritários da Geografia e dar mais oportunidade para os alunos exercitarem o processo cíclico experimentação-análise-teorização. Apresentar o conteúdo de estudos da população em sala de aula é muito diferente de realizar uma pesquisa em equipes sobre a população do bairro ao modo de agentes do Censo Demográfico. Aqui, está se partindo de um antigo princípio: melhor ensinar a usar ferramentas do que entregar os produtos prontos. Aprender, por exemplo, como se usam dicionários, enciclopédias e sites de pesquisa certamente é mais eficiente do que aprender sobre as coisas em si.

A Avaliação

É crucial que se altere o método de avaliação. Gardner fala em uma avaliação justa para com as inteligências. Na atualidade, as avaliações estão muito associadas ao que podemos chamar “teste tipo QI”, no qual você mede o desempenho do indivíduo de modo descontextualizado, o que, nas escolas, na maior parte do tempo, significa responder a questionários. Tal técnica avaliativa tem suas qualidades, entretanto, ela demonstra especificamente a habilidade do aluno em usar palavras para expressar conhecimento. Ou de escrever números numa folha para demonstrar entendimento sobre fórmulas matemáticas. Dentre as inteligências, a linguística e a lógico-ma-

temática são, na realidade, as únicas a serem fortemente consideradas. Outras inteligências são deixadas em segundo plano. Voltando a dar um exemplo na área de Geografia, é como exigir uma avaliação escrita para identificar a inteligência espacial do educando. Não que isto não sirva, porém, fica aquém do ideal, que seria avaliar a capacidade espacial de diversas formas: além da escrita, por desenhos, modelos (maquetes), instrumentos, observação de imagens, observação de paisagens, exposição oral, gravações de vídeo, fotografia etc. Outro exemplo: é obviamente limitado avaliar o conhecimento de música de um aluno através de uma avaliação escrita. Há o cantar, o tocar (instrumento), o ouvir, o imitar, o criar etc., e somente no contato direto com estas habilidades é que o jovem poderá identificar suas aptidões e desenvolvê-las.

A avaliação de cada inteligência deve ser contextualizada, ou seja, dentro de seu âmbito de atuação. A avaliação escrita notadamente é mais utilizada e, comumente, tem maior peso, pois, a princípio, é mais segura e fácil de medir. No entanto, tal abordagem prejudica a qualificação do indivíduo, quando reduz seu espectro de manifestação considerada. Em boa parte, justamente por isso, há indivíduos talentosos e de sucesso que passaram a fase escolar sendo considerados medíocres. A medida da escola é falha se comparada com a realidade da vida. E há também os indivíduos que se ressentem e se desestimulam, que nunca ou muito pouco tiveram oportunidade de expor seus talentos aos colegas, ou ainda aqueles que sempre são vistos como problema ou com limitações demasiadas, e que interiorizaram esta avaliação. Porque não lhes é dada oportunidades mais variadas de expressar seus domínios? É racional e científico limitar todos dentro da mesma forma?

Para atender à complexidade humana, faz-se necessário um modelo de avaliação e ensino-aprendizagem multifacetado, que estimule todos os nossos atributos, mas que permita também que descubramos nossas aptidões. Escrevemos aqui “nossos” por não se tratar só dos alunos, mas de todas as pessoas. Não se trata apenas de mudar o modelo educacional, mas o modo como enxergamos a nós mesmos e uns aos outros.

No que tange a avaliação, isto significa aplicar aquilo que hoje, nas condições estabelecidas, só pôde ficar no discurso: a avaliação deve ter a função de direcionar o ensino para que a aprendizagem aconteça. E deve haver uma gama de ferramentas e métodos alternativos para oferecer o que mais se adéque a cada estudante.

3 A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E A EDUCAÇÃO CONSCIENCIOLÓGICA

No contexto da Educação contemporânea, a teoria das IM apresenta-se como modelo moderno, consolidado por seus fundamentos teóricos e suas experiências exitosas ao redor do mundo. Ainda assim, e apesar de admirado e respeitado pelos profissionais da Educação em geral, sua aplicação requer mudanças burocráticas, estruturais, orgânicas e educacionais que as injunções atuais impedem de ser executadas em um grande número de escolas.

Do ponto de vista conscienciológico, reconhecemos que a teoria das IM estaria defasada acerca de seus fundamentos tão somente cerebrais e sociais. Para constatar isto, bastaria à conscin verificar a partir da projeção consciente para fora do corpo humano a sua própria existência, experiência e aprendizado na dimensão extrafísica. Alguns poucos experimentos como esse e as perguntas oriundas dessa vivência já mostrariam a necessidade de uma revisão completa da teoria das IM.

Apesar do exposto, dado o contexto humano atual, sabe-se que o conceito de IM alcançou significativa infiltração na socin, demonstrando sua *pertinência evolutiva* para grande número de conscins, particularmente as pesquisadoras da Educação. Supomos que a tese das IM, junto a outras, venha a se propagar muito mais nos campos da atividade educacional na medida em que a qualidade vai se tornando mais relevante do que a quantidade.

Por isso mesmo, é válido ressaltar que a teoria das IM, no âmbito da Educação, está entre as mais próximas ao modelo educacional da Conscienciologia. Vejamos, a seguir, características convergentes e divergentes entre a Educação Conscienciológica e a Teoria das Inteligências Múltiplas.

Aspectos Convergentes

Dentre os pontos de aproximação, destacamos os oito seguintes:

1. **A consciência multifacetada.** Tanto em Conscienciologia quanto nas IM, entende-se que o indivíduo tem múltiplas facetas, traços, capacidades e potencialidades, que combinados derivam em tantas outras habilidades. Por isso, duas consciências, mesmo quando parecidas em suas características gerais, necessitam ser tratadas, acompanhadas e orientadas de modos específicos, para que se possa produzir o melhor resultado em termos de desempenho e realização pessoal, o que repercute em maior contribuição ao ambiente comunitário.
2. **As múltiplas inteligências em si.** A individualização das qualidades da consciência permite que você as observe, quantifique e estimule, em separado, ainda que sempre haja interações entre uma habilidade e outra. A partir daí, pode-se dar suporte adequado em duas situações bem distintas: **a.** incentivo à inteligência *mais* acentuada na manifestação de uma consciência, visando um alto padrão de desempenho, por exemplo, para o jovem gênio matemático; **b.** incentivo apropriado à inteligência *menos* desenvolvida na manifestação de uma consciência, visando o razoável equilíbrio e disponibilidade de recursos intraconscienciais, por exemplo, exercícios específicos para fortalecer o desempenho comunicativo para que não limite significativamente a capacidade interpessoal.
3. **Relação Trafores - IM.** A inteligência (IM) evidencia forte relação com o traço-força (Conscienciologia). Tanto um quanto outro é, em seu respectivo contexto, reconhecido como atributo construtivo. Veremos, porém, no tópico *Aspectos Divergentes* algumas ressalvas.
4. **Relação Inteligências – Traços Conscienciais.** Na correlação entre Educação Conscienciológica e a tese das IM, é altamente relevante que se reconheçam as inteligências intrapessoal, interpessoal e existencial. Cada uma delas pode ser associada a um traço relevante no estudo da consciência integral, por exemplo: **a.** i. intrapessoal com a autopesquisa e o autodiscernimento; **b.** i. interpessoal com a interassistencialidade; **c.** i. existencial com a inteligência evolutiva e as ideias extrafísicas inatas.
5. **Currículo para o aluno.** Embora todos os alunos da escola das IM passem por um pequeno currículo comum, é apresentada uma variedade maior de opções (disciplinas,

oficinas, atividades) para o desenvolvimento específico de cada educando. O currículo tem maior flexibilidade e é adaptado conforme o perfil de inteligências encontradas no educando. Na Educação Conscienciológica, atualmente, há uma variedade de opções de cursos e atividades disponíveis e, inclusive, equipes que orientam a conscin na busca de sua saúde consciencial e de seu completismo existencial.

6. **Relação Curso Intermissivo – Escola das IM:** O modelo escolar mais generalizado aplicado nos dias de hoje é uma *cinzenta* e distante lembrança de qualquer ideia relacionada ao Curso Intermissivo. Quando, no entanto, o contexto é a escola das IM, ocorre uma aproximação maior com o ambiente preparatório da proéxis. A escola das IM estimula a autoconsciência do educando quanto aos seus atributos e às maneiras de superar suas dificuldades, preparando-o melhor para a vida humana prática.
7. **Relação Evoluciólogo - Novos Profissionais:** Os novos profissionais propostos na Teoria das IM (Especialista em Avaliação, Agente do Currículo para o Aluno e Agente da Escola-Comunidade) têm tarefas que guardam afinidades com as atividades do Evoluciólogo durante o Curso Intermissivo, na orientação do melhor roteiro evolutivo possível para a conscin na busca de seu êxito existencial (compléxis). Particularmente, podemos relacionar cada nova função com uma especialidade da Conscienciologia, assim como a função do professor tem relação mais direta com a Parapedagogia: **a.** Especialista em Avaliação e a Conscienciometria; **b.** Agente do Currículo para o Aluno e a Proexologia; **c.** Agente Escola-Comunidade e a Intrafisiologia.
8. **Relação Proéxis - Projeto de Vida:** Todas as etapas de desenvolvimento do educando, na escola das IM, são avançadas através de projetos de desenvolvimento e aprimoramento das inteligências em aplicações práticas e teóricas, mas sempre predominando o domínio prático. Tais projetos são tratados como a base para a vida futura, na adultidade, quando a conscin terá consciência de suas características e poderá orientar sua vida intrafísica através de um roteiro que ela mesma estará preparada a planejar e executar, o chamado Projeto de Vida. Tal procedimento educacional tende a estimular que conscins intermissivistas acelerem sua recuperação de cons, de ideias inatas e das linhas gerais da proéxis em curso.

Aspectos Divergentes

Dentre os pontos de distanciamento, ressaltamos os oito seguintes:

1. **Base cerebral.** A teoria das IM tem como ponto basilar mais importante a origem cerebral das inteligências humanas, dentro do contexto da evolução da espécie ao longo dos milênios, coexistindo com diversas sociedades, culturas e épocas. Na Educação Conscienciológica se reconhece, entretanto, fatores que tornam este estudo muito mais complexo, como o psicossoma, o paracérebro, a Paragenética, a ressonância, a fôrma holopen-sênica, o curso intermissivo, a proéxis, a recuperação de cons, as proéxis grupais etc.
2. **Unidimensionalidade.** Por falta do aproveitamento dos recursos conscienciais para-psíquicos, a pesquisa das IM é cega quanto à multidimensionalidade do educando e do educador, seus amparadores e assediadores, pensenes e holopen-senes.
3. **Monoexistencialidade.** O recorte existencial no qual se baseia a teoria das IM a faz trabalhar com a tese de que há somente uma existência intrafísica, excluindo as impor-

tantes implicações da multiexistencialidade, como o egocarma, o grupocarma e o policarma. Por exemplo, um grupo de profissionais em Educação compondo uma equipe de trabalho é indício de uma proéxis grupal em curso e de questões cármicas a serem solucionadas dentro de um ambiente de interassistencialidade.

4. **Inteligências ausentes.** Em consequência dos parâmetros anteriormente citados, a tese das IM aplicada à Educação não dá conta de muitas outras habilidades inerentes à consciência. Podemos pontuar pelo menos duas inteligências fundamentais na execução da proéxis da conscin: a *Inteligência Anímico-Parapsíquica* e a *Inteligência Evolutiva*.
5. **Relação Trafores - IM.** Ainda que os conceitos de trafor e de inteligência tenham afinidade, são bastante distintos. A inteligência de Gardner produz resultados valorizados em seu contexto cultural, o que nem sempre ocorre no caso do trafor. Isto porque o trafor é um traço que impulsiona a evolução da consciência, sem necessariamente ser aprovado ou, até, reconhecido pela socin. Assim, todas as inteligências citadas por Gardner têm considerável respaldo social e científico, enquanto vários traços-força estudados em Conscienciologia, particularmente todos aqueles que implicam a compreensão da realidade multidimensional (através do uso do animismo e do parapsiquismo), ainda são rejeitados ou simplesmente ignorados por boa parte da comunidade intrafísica internacional.
6. **Trafares.** Há a definição de inteligência, mas na teoria das IM não são tratadas características indesejáveis. Deste modo, fala-se em desenvolver as inteligências e, embora Gardner tenha preocupações com as questões éticas (GARDNER, 2009), não apresenta as relações entre o mau uso das mesmas inteligências e as imaturidades humanas. Seria por considerar que as imaturidades derivam do baixo nível destas inteligências? Em Conscienciologia, além de se reconhecer e se pesquisar a existência dos trafares (traços-fardo), sabe-se que mesmo atributos conscienciais bastante desenvolvidos (megatrafares) podem ter seu uso distorcido por minitrafares.
7. **Função do Professor.** Em Conscienciologia, o docente tem como papel mais relevante ser agente retrocognitivo da conscin interessada na sua autoevolução. O educador na escola das IM faz o papel de estimulador das inteligências do indivíduo. Ainda que reconheça que haja predisposições do educando originárias de fase anterior à vida escolar, não percebe que aquele jovem possui um histórico multimilenar de vivências e, muito menos, que pode encontrar diante de si um recém-saído de curso intermissivo, inclusive com nível evolutivo mais avançado que o seu.
8. **Autodidatismo, Auto-experimentação e Autopesquisa.** Na Educação Conscienciológica, o autodidatismo, a autoexperimentação e a autopesquisa contínuas são ferramentas evolutivas de valor inestimável. A consciência é informada e estimulada a buscar vivência, conhecimento e autoconhecimento por conta própria, empreendimento fundamental para a sua autonomia e discernimento. Na colocação da tese das IM, não existe ênfase de mesmo nível, talvez por este modelo centrar-se na educação básica, preparatória para a vida. Assim, acaba ocorrendo o processo do paternalismo, onde a educação fornecida continua sendo, ainda que sem a explicitação deste posicionamento, a fonte mais importante de conhecimento para o educando, quando, na verdade, a educação formal será cada vez menos importante para aqueles que mais se qualificarem por vontade própria (*self made-man*). Aliás, para a Conscienciologia, a Educação

é um processo que ocorre de si para si mesmo, ainda que sempre contando com os recursos da interassistencialidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há claras evidências de que a escola das IM oferece algumas soluções para pensarmos a Educação Consciencial para jovens, seja em escolas convencionais ou escolas criadas por conscienciólogos. Ao mesmo tempo, a confrontação traçada demonstra viabilidades para a interdisciplinaridade e o intercâmbio entre educadores e reeducadores conscienciais.

As reflexões e análises aqui apresentadas aspiram serem aplicadas consistentemente em um ambiente educacional infanto-juvenil formal. Eis o desafio que se apresenta, seja através da relação da Educação Conscienciológica com a tese das Inteligências Múltiplas, seja com outras linhas da educação convencional. Tal abordagem pode inspirar e até subsidiar ações de Instituições Conscienciocêntricas mais afins, como Evolucin, Assinvéxis e Apex, em parcerias com centros educacionais infantis e escolas. Eis um caminho possível, mesmo que difícil, para criar ambientes intrafísicos de incentivo às reciclagens intraconscienciais e ao reconhecimento da proéxis já na infância e na pré-adolescência.

Finalizando, há outros autores e conceitos que podem ser correlacionados com a Educação Conscienciológica, dentro dos estudos da Educação Comparada, por exemplo:

1. **John Dewey** (Experiência / Experimentologia).
2. **Paulo Freire** (Problematização / Questionologia).
3. **Jean Piaget** (Epistemologia Genética / Ressomática).
4. **L. I. Vygotsky** (Zona de Desenvolvimento Proximal / Tares).

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

- ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências Múltiplas em Sala de Aula**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 163.
- BALONA, Málu. Parapedagogia – um novo paradigma na educação. In: III Jornada de Educação Conscienciológica, IIPC, 2005, Curitiba, **Journal of Conscientiology**, Londres, v. 7, n. 28S, p. 13-27, 2005.
- CAMPBELL, Bruce; CAMPBELL, Linda; DICKINSON, Dee. **Ensino e Aprendizagem por Meio das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 22.
- DE LA TOUR, Kevin; DE LA TOUR, Simone. Paradiplomacia com Características Chinesas. **Conscientia**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 4, p. 361-370, out./dez. 2006.
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 257 p.
- _____. **Estruturas da Mente**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1994. 340 p.
- _____. “É difícil fazer o certo se isso contraria nossos interesses”: entrevista. [outubro, 2009]. São Paulo: **Revista Nova Escola**. Entrevista concedida a Luciana Zenti.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SCHEINPFLUG, Werner. Conscienciologia Aplicada à Educação. In: **II Jornada de Educação Conscienciológica**, 2003, Brasília, Anais, Rio de Janeiro, IIPC, 2003. p. 15-22.

Webgrafia Citada

VIEIRA, Waldo. Verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia Analisados em Tertúlias. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&Itemid=13>. Acesso: 18 de mar. 2011.

Referências Consultadas

- ANTUNES, Celso. **As Inteligências Múltiplas e Seus Estímulos**. Campinas: Papirus, 1998. 144 p.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Uma Prática Para o Desenvolvimento das Múltiplas Inteligências: aprendizagem com projetos**. 2. ed. São Paulo: Érica, 1998. 118 p.
- VIEIRA, Waldo. **700 Experimentos da Conscienciologia**. Rio de Janeiro: IIP, 1994. p. 380-381.
- _____. Aula de Conscienciologia, Auteducabilidade, Autodidatismo. In: Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica. Foz do Iguaçu: Editares/Comunicons/CEAEC, 2008.

Webgrafia Consultada

- FRAGA, Nuno S. Definição, Fins e Desenvolvimento da Educação Comparada. Disponível em <<http://www3.uma.pt/nunosilvafraga/wp-content/uploads/2007/09/educacao-comparada-aula-2.pdf>>. Acesso em: 06 de fev. 2011.
- GARDNER, Howard. Biography of Howard Gardner. Disponível em <<http://www.howardgardner.com/index.html>>. Acesso em: 02 de fev. 2011.
- WIKIPEDIA. Howard Gardner. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Howard_Gardner>. Acesso em: 02 de fev. 2011.

Cleverson Luiz Rachadel é licenciado em Geografia e Especialista em Ciências da Educação. Professor de Geografia. Voluntário na CCCI desde 2002 e docente desde 2004. Atualmente, voluntário e docente da Associação Internacional de Inversão Existencial - Assinvéxis. E-mail: cleverson.rachadel@yahoo.com.br